

# A ABSTRATIZAÇÃO DE EVIDENCIAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO, NO ESPANHOL DOMINICANO E NO ITALIANO

VÂNIA CRISTINA CASSEB-GALVÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS/UNIVERSITÀ DEL SALENTO

**Abstract** – This article presents the result of an investigation on the development of more abstracted microconstructions based on predicative lexical evidential structured with the prototypical *dicendi* verb. Three Romance languages were contrasted: Brazilian Portuguese (BP) (*dizer*), Spanish (ESP) (*decir*) and Italian (IT) (*dire*). The evidential semantic domain concerns the source of the enunciated knowledge (Aikhenvald 2004; Casseb-Galvão 2001) and its coding can occur by lexical and/or procedural elements. The main hypothesis involves the recognition that across languages more prototypical lexical uses originate processes of constructional changes of abstract evidentials, with grammatical or discursive meanings, as [*diski*], in PB, (*decir*), in ESP and *si dice che*, in IT.

**Keywords:** Evidentiality; Romance languages, verb *to say*; abstractization.

## 1. Introdução

Este artigo apresenta o resultado de uma investigação<sup>1</sup> a respeito do desenvolvimento de microconstruções mais abstratizadas a partir de evidenciais lexicais com o verbo *dicendi* prototípico, correspondente ao verbo *dizer* em português, na qual foram contrastadas três línguas românicas: o português brasileiro (PB), o espanhol (ESP) (*decir*) e o italiano (IT) (*dire*).

O domínio semântico evidencial diz respeito à fonte do conhecimento enunciado (Aikhenvald 2004; Casseb-Galvão 2001, 2015a) e a codificação da evidencialidade pode ocorrer por elementos lexicais ou gramaticais. As microconstruções integrantes do esquema construcional predicativo a partir do verbo *dizer* no PB, [X dizer que], representam evidenciais lexicais prototípicos e interlinguisticamente originam processos de mudança construcional e/ou de construcionalização envolvendo evidenciais de natureza mais abstrata, com significados mais procedurais (gramaticais ou discursivos). As mudanças construcionais alcançam apenas uma das faces das construções, já os processos de construcionalização atingem tanto o plano da forma quanto do significado. (Oliveira, Rosário 2015; Traugott, Trousdale 2013; entre outros).

Tem-se como pressuposto que construções transitivas nucleadas pelo verbo *dizer* integram um padrão construcional básico, representam um domínio semântico fundamental, *dicendi*, a partir de construções predicativas complexas, e esse padrão é, portanto, um candidato a fornecedor natural de novos usos evidenciais nas línguas.

De acordo com os postulados da Gramática de construções, a constituição de novos usos da língua pode configurar processos interlinguísticos de construcionalização e, por isso, considera-se que outras línguas, especialmente as românicas, devido às interfaces histórico-geológicas, podem replicar o processo de mudança ocorrido no PB e do qual decorre o uso de [*disk<sup>i</sup>*] (Casseb-Galvão 2015a).

<sup>1</sup> Investigação financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq/Brasil - Processo 312359/2015-2).

No PB, uma construção transitiva com o verbo *dizer* desenvolveu um tipo de processo de mudança, que afetou as duas faces da construção [X dizer que], gerando um microesquema construcional evidencial mais abstrato, que linguisticamente é codificado por microconstruções (usos) com funções procedurais, como em “*Diz que* o fulano vem pra o casamento da filha” (pronuncia-se [*disk<sup>i</sup>*]).

A pesquisa pretendeu responder, entre outras que se revelaram pouco produtivas ao longo da investigação, às seguintes perguntas:

1. É possível esboçar uma única rede construcional evidencial para o espanhol e para o italiano, considerando o esquema lexical *dicendi* básico como a fonte de um processo de abstratização que faz surgir um novo nó na rede construcional evidencial representado por construções atômicas procedurais, como o [*disk<sup>i</sup>*] em português?
2. Quais valores evidenciais são interlinguisticamente compartilhados entre o PB, o ESP e o IT, ou, como se constituem os *clines* de funcionalidade das microconstruções que atualizam o(s) esquema(s) construcional(is) evidencial(is) nessas línguas?

Casseb-Galvão (2001, 2011, 2017) analisa expressões linguísticas de valor evidencial mais abstrato derivadas do verbo *dizer* no PB, expressões indicadoras da fonte indireta do conteúdo enunciado, gramaticalizadas na forma fonológica [*disk<sup>i</sup>*]. São estudos voltados para o PB contemporâneo e para dados de diferentes estágios de sua formação, os quais confirmam em uma língua específica tendências gerais de os sistemas linguísticos codificarem a evidencialidade (Aikhenvald 2004), seja por vias lexicais e/ou procedurais.

Alguns autores dizem que muitas línguas não apresentam um sistema evidencial gramaticalizado (abstratizado, codificado por expressões procedurais). De Haan (2005), por exemplo, diz que “línguas românicas não parecem ter sistemas evidenciais, com exceção do francês, provavelmente por influência do germânico”. No entanto, Casseb-Galvão (2001, 2011, 2015a, 2015b) detectou um paradigma em processo de gramaticalização, desenvolvido a partir do verbo *dizer*, evidencial lexical prototípico no PB, conforme se exemplifica a seguir.

1. *Diz que* um leão enorme ia andando chateado, não muito rei dos animais porque tinha acabado de brigar com a mulher e esta lhe dissera poucas e boas. (LR)
2. Estas férias *diz-que* não é pra eu fazer nada. Qual! descobri um livro de vulgarização do *Wella, The Science of Life*, que é uma coisa magnífica. (MA)
3. Que tem?! E o patrocínio resultante que a Guida dispensa ao cabra? Não, por trás de tudo aquilo só cego não vê a sombra dela... - Mas não *diz que* basta o adultério para produzir o divórcio perpétuo? obtemperou o Miguel. (DGP)
4. – *Diz que* foi a continha de acabar de esgotar a água, quase que não se podia entrar no caldeirão de tanto brilho que saía dele.  
– *Diz que* bem no meio tinha um diamante do tamanho de minha mão fechada. Pedra muito rolada, *diz de* primeira água, sei lá. (LR)
5. *Diz que virum a muié do Venanço* [no escuro com outro homem] (DGP)

Os *clines* descritores da funcionalidade dos usos mais gramaticais ou procedurais constituídos a partir do esquema construcional [X dizer que X] têm, entre outras, as seguintes configurações, considerando-se critérios de análises como (a), (b), (c),

a) *a camada de organização linguística que o uso integra:*

retórica > discursiva > pragmática > informacional

b) *o valor evidencial que ele codifica:*

token de narrativa > admirativo > dubitativo > verdade geral > reportativo > boato

c) *a função na produção dos sentidos:*

frame de mundo ficcional > operador ilocucionário > marcador de genericidade > indicador de fala reportada

As línguas românicas compartilham muitas configurações lexicais e gramaticais, pois têm uma origem sócio-histórica comum. O verbo *dizer* do PB deriva do latino *dicere*, que está na base histórico-geológica da codificação de *decir* no ESP, e do verbo *dire* em IT. Estudos relevam que as línguas compartilham sistemas evidenciais mais ou menos fixos entre si. É mais ou menos recorrente nas línguas (Aikhenvald 2004), independentemente da família a que pertençam, verbos *dicendi* originarem evidenciais mais abstratizados ou de natureza procedural (gramatical ou discursiva). Tais constatações me levam a hipotetizar o desenvolvimento de paradigmas evidenciais mais ou menos equivalentes em línguas-irmãs e de intercomunicação facilitada, como é o caso do português, do espanhol e do italiano.

Em outras palavras, parti da hipótese de que contrariamente ao que diz De Haan (2005), línguas românicas como o português brasileiro, o espanhol e o italiano apresentam construções evidenciais mais abstratizadas desenvolvidas a partir do verbo *dizer*. Em conformidade com os princípios da Gramática de construções, considero que os léxicos dessas línguas compartilham um esquema geral de codificação da evidencialidade gramaticalizada e que pode gerar redes evidenciais que comportam tanto construções lexicais quanto procedurais, cujos usos apresentam valores semânticos comuns.

Tais observações, justificaram, portanto, o estudo aqui relatado, fundamentado na Gramática das construções, uma das vertentes teórico-descritivistas de orientação cognitivo-funcionalista mais atuais e produtivas para descrever regularidades interlinguísticas, haja vista que conjuga princípios de ordens social, gramatical e cognitiva na análise da organização dos sistemas linguísticos e dos usos efetivos da língua em situação de comunicação. Autores como Goldberg (2006); Masini (2016); Traugott & Trousdale (2013) etc embasam a leitura, a percepção e a descrição do fenômeno linguístico investigado.

Nesse sentido, este artigo se organiza em duas partes principais: um resumo das bases teóricas que sustentam a análise e o relato da análise, sendo que na parte da análise constam a apresentação de alguns aspectos metodológicos e os resultados propriamente ditos. As palavras finais se reportam aos achados principais e são seguidas das referências bibliográficas.

## 2. As bases teóricas

### 2.1. Uma abordagem construcionista

Não me deterei em exaustiva fundamentação teórica, mas tratarei de alguns postulados da Gramática das construções relevantes para a análise, os quais estão relacionados especialmente à concepção de língua, linguagem e gramática; aos processos envolvidos no desenvolvimento de novos usos da língua e aos aspectos cognitivos a eles inerentes. Em seguida, tratarei da evidencialidade como domínio semântico e de sua expressão nas línguas.

A Gramática de construções não é uma teoria única, com um representante específico, como por exemplo o é o Gerativismo, que está atrelado ao nome de Chomsky, é muito mais um movimento que se manifesta em uma série de vertentes teóricas (Masini 2016), sendo que cada uma, a partir das reflexões de diferentes autores,

destaca aspectos particulares da constituição linguística, concebida como uma rede de relações estabelecidas a partir de unidades básicas denominadas construções.

À vertente construcionista que orientou a pesquisa está relacionado um modelo de análise linguística de orientação funcional-cognitivista que estuda, analisa e descreve a maneira natural como a língua se organiza a partir do uso em situações reais de interação. Diferentemente do Funcionalismo clássico, por exemplo, que também analisa simulacros de interação, nas bases da Gramática de construções está uma perspectiva de análise extremada do uso da língua e da gramática interativamente constituída.

Foram recrutados postulados da Linguística cognitiva, do que se conhece como Linguística funcional baseada no uso (Bybee 2010, 2011, 2015) e dos estudos construcionistas de Croft (2001), Goldberg (2006), Traugott & Trousdale (2013), Masini (2016) etc.

O movimento construcionista é uma dispersão. Não há como se conferir limites teóricos precisos às suas vertentes. Há quem inclusive reconheça que esse grupo de autores represente uma Gramática *funcional gerativa* (Rostila 2006), pois pretende dar conta de maneira explícita da forma e do significado de todas as expressões linguísticas produtíveis em uma dada língua e, além disso, atribui enorme importância aos aspectos semântico e pragmático de uma construção (Masini 2016). Para um modelo baseado no uso, o processo de categorização da construção em uma gramática é de natureza cognitiva e parte da experiência conceptual e da interação.

Os postulados da Gramática de construções prestam-se ao estudo da organização da língua como sistema e não de um conjunto de normas e regras que prescrevem como a língua deveria ser utilizada. É assim porque essa vertente teórica reconhece que existe uma estreita relação entre a estrutura das línguas e o uso que é feito pelos falantes em contextos reais de comunicação, e que as relações entre forma e significado são estreitíssimas e indissociáveis, somente compreensíveis se consideradas conjuntamente. Em termos de Bybee (2010), considera-se que a categorização linguística pressupõe identidade e similaridade e está relacionada à capacidade humana de organizar experiências, conceituar e rotular as coisas, o que envolve diferenciação, identificação, agrupamento, separação, rotulação etc.

É reconhecida a gramática em sua natureza simbólica e como conhecimento internalizado dos falantes sobre a organização e uso linguísticos. Logo, se considera que o usuário da língua tem um certo controle sobre como deve ou se pode agir no e com o sistema linguístico para construir significados. O conhecimento intuitivo a respeito da língua, seu uso e possibilidades expressivas, orienta o falante em suas ações de linguagem. O uso da língua envolve, portanto, o acionar do conhecimento intuitivo do ser humano a respeito de sua auto constituição e de seu modo de agir interacionalmente. Assim, se considera que a estrutura da linguagem, um produto da interação humana, é intuitivamente natural e psicologicamente plausível. “Gramática é vida.” (Langacker 2008).

Uma construção é auto significativa, um pareamento forma-função (ou significado), portador de um determinado grau de esquematicidade e de substancialidade. (Croft 2001; Goldberg 2006; Traugott, Trausdale 2013). Nessa perspectiva, a língua é concebida como uma rede de construções; o dinamismo lhe é inerente e se estabelece especialmente a partir de mudanças construcionais, que afetam o significado ou a forma, e de construcionalizações, que afetam o significado e a forma. Tais alterações envolvem processos cognitivos como a analogia e a metonímia.

Masini (2016) faz uma interpretação dos cinco temas básicos para os estudos construcionais distintos por Goldberg (2013, pp. 15-16):

- i. A centralidade da noção de construção, compreendida como a associação convencionalizada entre uma forma e uma função, noção aplicável às unidades de qualquer nível de organização linguística e que garante uma certa uniformidade à representação dos fatos linguísticos.
- ii. A importância da estrutura superficial à qual está diretamente associada uma função, sem que se prevejam derivações ou transformações.
- iii. A gramática considerada como uma rede de construções, organizada hierarquicamente por meio de relações de hereditariedade.
- iv. A construção tem uma natureza específica para uma determinada língua, mas eventualmente generalizações interlinguísticas podem ser atreladas a processos cognitivos gerais relativos à constituição humana e às funções específicas das construções.
- v. A teoria é baseada no uso efetivo da língua e por isso pode se harmonizar com estudos voltados para a aquisição, para a elaboração cognitiva da linguagem e para a mudança linguística.

Os estudos construcionistas dão grande atenção às funções semânticas e pragmáticas, especialmente, porque se apropriam de métodos e instrumentos de análise da Linguística cognitiva e partem da compreensão semântica como conceitualização da realidade e da categorização como processo de generalização de um único item, governada pela prototipia.

Outro aspecto interessante dessa perspectiva é a não dicotomização entre léxico e gramática, vistos a partir de um contínuo entre aquilo que é regular e o que é irregular na língua, considerando-se que a noção de construção é suficientemente adaptável e flexível para representar expressões linguísticas de diferentes dimensões, complexidade e grau de abstratização. E considera também a hierarquia na relação de hereditariedade que une as várias construções, às quais exteriorizam a competência linguística, a gramática interna dos usuários das línguas.

Assim, se considera que, na constituição de uma construção, os níveis fonológico, morfológico, lexical, sintático, semântico e pragmático interagem, estão interconectados e são mutuamente cooperativos. A construção é um padrão abstrato. A língua é, portanto, “um construcionário” (Masini 2016).

Segundo Traugott & Trousdale (2013), as construções devem ser analisadas a partir de sua constituição, o que envolve a sua composição (tamanho), especificidade fonológica e tipo de conceito codificado. As construções podem ser atômicas, não divisíveis; complexas, constituídas por unidades menores e analisáveis, e intermediárias com possibilidade parcial de analisabilidade. A especificidade fonológica determina construções substantivas (plenamente satisfeita quanto às condições de seleção); esquemáticas (um padrão abstrato constituído pela abertura de *slots* a serem preenchidos); intermediárias (parcialmente satisfeitas quanto às condições de seleção). Quanto ao conteúdo, as construções podem ser de conteúdo, procedurais (gramaticais) ou intermediárias.

Traugott & Trousdale (2013) descrevem as construções a partir de níveis hierárquicos: esquemas, subesquemas, microconstruções e construtos. Os esquemas ocupam o nível mais alto de esquematicidade e são mais abstratos; os subesquemas ocupam o nível médio de esquematicidade, podendo ser grandes, pequenos ou intermediários; as microconstruções estão no nível mais baixo de esquematicidade e podem ser substantivas e fonologicamente especificadas; e, os construtos, são os *tokens*, usos efetivos em situações comunicativas específicas, considerados como o *locus* da inovação e convencionalização, como eventos de uso; ajudam a moldar a representação mental da linguagem. Os construtos são “instâncias de

uso em uma ocasião particular, proferida por um orador particular (ou escrita por um escritor particular) com um propósito comunicativo particular” (Traugott, Trousdale 2013).

### 3. Análise dos dados: aspectos metodológicos e resultados

A pesquisa pretendeu comprovar a hipótese de que línguas românicas como o português brasileiro, o espanhol e o italiano apresentam microconstruções evidenciais mais abstratizadas, desenvolvidas a partir do verbo *dizer* (*decir; dire*). Em outras palavras, de acordo com os princípios da gramática de construções: o léxico românico fornece um esquema geral de codificação da evidencialidade gramaticalizada em microconstruções como [*Dizk*<sup>1</sup>], *diz-que*, *Si dice che*.

Considerando-se os extremos do contínuo do processo de abstratização evidencial, postulo a seguinte escala hierárquica para português brasileiro (PB):

Construção evidencial a partir do verbo *dizer*:

Esquema: [evidencial]  
 Subesquemas: Predicativo Não predicativo  
 Microconstrução: [(SN) dizer (X)] [*dizk*<sup>1</sup>]

A partir da atuação da metáfora e da metonímia, os recursos armazenados no léxico se combinam em um certo grau de automaticidade e composicionalidade para gerar novos significados e novas formas evidenciais. Construções evidenciais são a combinação de formas e sentidos, logo, é relevante e funcional que uma determinada forma (a prototípica) sofra os processos que levarão a uma mudança categorial, se for o caso. O pressuposto é o de que esses paradigmas sejam configurados em decorrência de processo de mudança construcional e/ou de construcionalização.

Embasaram a análise os dados dos seguintes *corpora*:

**Do espanhol:** banco de dados do Corpus del español (Brighan Young University). Disponível em: <http://www.corpusdelespanol.org/>. Organizado por Davies, M. No desenvolvimento da pesquisa também foram utilizados dados do corpus da Real Academia Espanhola, disponível em <http://corpus.rae.es/cgi-bin/crpsrvEx.dll>.

**Do italiano:** banco de dados do projeto Paisà (Plataforma para aprendizagem do Italiano). Disponível em: <http://www.corpusitaliano.it/>

Para o confronto com o português serviram de base os usos verificados e descritos por Casseb-Galvão (2001, 2011)

Foi promovida uma busca exaustiva no Corpus do Espanhol (CE) e chegou-se a uma amostra significativa de dados relevantes. Numa análise quantitativa em larga escala, foram encontrados 5.295 *tokens* dos usos mais abstratizados, não predicativos, conforme respectiva distribuição por frequência, tamanho dos arquivos e frequência por mil palavras, especificada na tabela 1 a seguir.

PAÍS	Freq	Tamanho	Freq/mil	
México	728	246.0	2.96	
Guatemala	169	54.3	3.11	
El Salvador	153	36.5	4.20	
Honduras	143	35.1	4.07	
Nicarágua	76	32.4	2.35	

Costa Rica	51	29.6	1.72	
Panamá	126	22.3	5.66	
Porto Rico	56	32.2	1.74	
Rep Dom	318	33.7	9.44	
Cuba	54	63.2	0.85	
Venezuela	329	98.2	3.35	
Colômbia	1,401	166.5	8.42	
Equador	350	52.4	6.68	
Bolívia	160	39.4	4.06	
Peru	567	107.3	5.29	
Chile	35	66.2	0.53	
Paraguai	8	29.8	0.27	
Uruguai	17	38.7	0.44	
Argentina	62	169.4	0.37	
Espanha	188	426.6	0.44	
EEUU	305	166.0	1.84	

Tabela 1  
Usos evidenciais abstratizados em variedades do espanhol.

O Corpus do Espanhol é constituído por aproximadamente dois milhões de palavras, e por 1.800.00 textos, representativos de 21 países falantes do espanhol.

A tabela 2, a seguir, apresenta os resultados para as cinco variedades do espanhol, de países localizados no Caribe, na América Central e na América do Sul, nas quais os construtos evidenciais não predicativos foram mais frequentes.

PAIS	Freq	Tamanho	Freq/mil	
Rep Dom	318	33.7	9.44	
Colômbia	1,401	166.5	8.42	
Equador	350	52.4	6.68	
Panamá	126	22.3	5.66	
Peru	567	107.3	5.29	
México	728	246.0	2.96	

Tabela 2  
Usos mais abstratizados Vs variedades do espanhol (CE).

No decorrer da investigação, a grande variedade dialetal do espanhol exigiu que se restringisse ao máximo a variedade alvo da investigação e que essa restrição estivesse vinculada também à implementação da mudança. A tabela 2 revela que na variedade do espanhol dominicano o processo de mudança está amplamente implementado e, por

isso, foi selecionada para fornecer os dados de análise. Chama também atenção a maior frequência do uso mais abstratizado no espanhol colombiano, no entanto, em termos de peso relativo, essa frequência é maior na variedade falada na República Dominicana.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, houve um grande problema operacional com o Corpus do espanhol, que ficava indisponível ou com restrição de acesso, o que dificultou a seleção das ocorrências, mas não inviabilizou a análise. Recorri então ao *corpus* da Real Academia Espanhola<sup>2</sup> para a seleção de ocorrências relevantes para a análise qualitativa. Esse *corpus* é dedicado à coleta do uso do espanhol contemporâneo escrito em todas as suas variedades.

Foi providenciada então uma nova rodada geral e o espanhol dominicano (ED) manteve-se em posição de destaque, ficando atrás apenas do México, conforme demonstra a tabela a seguir.

Ano	%	Casos	País	%	Casos	Tema	%	Casos
1980	20.00	46	MÉXICO	53.40	141	Ficción.	67.16	178
1996	10.86	25	REP. DOMINICANA	19.31	51	Política, economía, comercio etc.	10.94	29
1983	8.69	20	COLÔMBIA	14.01	37	Ciências sociales, crenças y pensamento.	10.56	28
1993	8.26	19	BOLÍVIA	3.40	9			
1995	7.82	18	PERU	2.27	6	Lazer, Vida cotidiana.	4.90	13
1997	7.82	18	VENEZUELA	2.27	6	Artes	3.77	10
1994	7.39	17	PANAMÁ	1.51	4	Oral.	1.50	4
1985	5.65	13	ESPANHA	1.13	3	Saúde.	1.13	3
1987	4.78	11	NICARAGUA	1.13	3			
Outros	18.69	43	Outros	1.51	4			

Tabela 3

Usos mais abstratizados, não predicativos Vs variedades do espanhol (REAL ACADEMIA).

Os dados da tabela três estão muito próximos de confirmar a tendência demonstrada na tabela 2, pois apenas o Equador não se manteve nas primeiras posições, cuja liderança é do México. A República Dominicana confirmou a implementação do sistema evidencial gramaticalizado, mantendo uma posição de destaque também na tabela 3, fato que me ofereceu segurança para a escolha dessa variedade como o centro da pesquisa.

Outro fator decisivo para isso foi a manutenção da variedade dominicana em posição de liderança em *corpora* de composição textual diferente (textos de internet, especialmente *blogs*, no Corpus do espanhol, em confronto com texto de escrita tradicional geral, do corpus da Real Academia, constituído por textos escritos circulantes no mundo do papel, como, notariais, literatura, etc), o que indica que o uso é frequente, circulante e aceito nas mais diversas situações de uso formal e informal da língua, com destaque para o uso na literatura ficcional (tabela 4).

<sup>2</sup> REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: Banco de datos (CREA) [en línea]. Corpus de referencia del español actual: <http://www.rae.es>.

Delimitado o foco na variedade dominicana, uma busca específica para seleção de ocorrências relevantes no *corpus* da Real Academia gerou 51 ocorrências em seis documentos, resultados especificados na tabela 4.

Ano	%	Casos	País	%	Casos	Tema	%	Casos	
1980	90.19	46	REP. DOMINICANA	100.00	51	Ficção	90.19	46	
2003	3.92	2				Lazer cotidiana	Vida	7.84	4
2004	3.92	2				Artes		1.96	1
2002	1.96	1							

Tabela 4

Usos abstratizados, não predicativos no espanhol dominicano (REAL ACADEMIA).

As ocorrências de (6) a (9), a seguir, exemplificam usos mais abstratizados, construcionalizados a partir do verbo *decir* em dados do espanhol dominicano:

6. muy bien porque Noboa se enredó en ese proyecto, *dizque* como gerente general. ¿Porqué asumir tal posic (Prensa, 2004)
7. Ricardo Montaner, quien suspendió su espectáculo *dizque* porque su equipo no llegó a tiempo. (Al artista, 2003)
8. araba un baño tibio rociado de innumerables hojas *dizque* medicinales (receta en realidad de un brujo es (Vergès, 1980)
9. oneda, una negra de nalgas grandes y mirada soez, *dizque* le robaba la mayor parte del dinero que recibí (Henriquez, 2002)

Em comparação aos valores evidenciais codificados no PB, os usos de (6) a (9) podem ser alocados em um cline de abstratização com a seguinte configuração: admirativo > dubitativo > verdade geral > boato.

Não foram detectados usos do *dizque* como token de narrativa. O sistema evidencial gramaticalizado a partir de formas do verbo *decir* no espanhol dominicano pode ser descrito nos seguintes termos, quanto:

- a) à camada de organização linguística que o uso integra  
discursiva > pragmática > informacional
- b) à função na produção dos sentidos:  
operador ilocucionário > marcador de genericidade > indicador de fala reportada

Para o italiano, devido à especificidade dialetal da Itália, que é entrecortada de outras línguas, mas unificada pela norma padrão, aplicada tanto à fala quanto à escrita, me detive na análise da variedade padrão. O Corpus Italiano (CI) é formado por aproximadamente 25 milhões de tokens.<sup>3</sup>

A busca pelo uso mais abstratizado no italiano diferiu-se da busca no Corpus do Espanhol porque esse uso não está completamente implementado no sistema italiano e não é validado pela comunidade. Apesar de observar-se informalmente na interação oral cotidiana constituir um contorno prosódico único, realizar-se em bloco, constituir um *chunking*, uma só emissão de voz, não houve no *corpus* ocorrência de “*diceche*”. O uso

<sup>3</sup> O corpus do italiano apresenta muitas diferenças quanto à sistematização e à identificação dos dados, por isso, não foi possível distinguir os textos em que os usos ocorrem. Somente a sigla do Corpus Italiano (CI) indicará a procedência dos dados.

mais abstratizado continua sendo grafado como o uso mais concreto, separando-se “dice” de “che”, ainda que esse conjunto de elementos não funcione na organização predicativa.

Tal busca resultou 28.729 *tokens* com *dice che*, número que envolve tanto usos predicativos (mais concretos) como não predicativos (mais abstratos). Sendo assim, os resultados quantitativos foram inicialmente pouco esclarecedores na distinção de um possível *cline* de gramaticalização de formas do verbo *dire* no italiano contemporâneo, pois não permitiu de imediato o esboço de um *cline* envolvendo usos predicativos e não predicativos, mas revelou uma especificidade do sistema evidencial italiano, que está em gramaticalização incipiente, qual seja: não é amplamente reconhecido pelos falantes do italiano o uso mais abstratizado, caracterizado pela não composicionalidade, reorganização sintagmática e amalgamação entre *dice* (forma verbal em terceira pessoa, presente indicativo) e *che* (o complementizador). Já no espanhol, essa neónálise é reconhecida e implementada, e o uso mais abstratizado é intuitivamente reconhecido como um *chunck*, sendo inclusive grafado “dizque”, como uma unidade morfossintática.

O não reconhecimento pode estar correlacionado ao fato de que, conforme análise exaustiva de dados, a marca evidencial mais gramaticalizadas no italiano envolve a microconstrução impessoal *si dice che*, uma construção ambígua quanto à sua função categorial, um marcador evidencial que também cumpre função impessoal. *Se dice que* foi também detectado no espanhol dominicano, codificando verdade geral e boato. Este é certamente um dos nós da rede evidencial interlinguística, uma representação mais ou menos abstrata e mais ou menos predicativa, com forte significação impessoal, conforme se depreende da expressão de verdade geral em *Se dice que del odio al amor solo hay un passo*.

As ocorrências de (10) a (13), a seguir, exemplificam usos mais abstratizados, construcionalizados a partir do verbo *dire* em dados do italiano padrão contemporâneo.

10. [...] Si dice che Egli, attraversando l'Dor-nu-Fauglith in sella al suo cavallo Rochallor, pareva Orome poiché una grandissima ira lo aveva colto e lo aveva reso spietato. Arrivato ad Angbad soffiò nel suo corno e sfidò Morgoth a duello. Fu l'unica volta che egli uscì dalla sua fortezza. (CI)

11. La città attrae tuttora migliaia di pellegrini. Secondo la tradizione locale, si dice che tre pellegrinaggi a Türkistan equivalgano ad un'Hajj alla Mecca, sebbene questo fatto non sia largamente accettato in tutto il mondo musulmano. (CI)

12. Si dice che Enrico VIII d'Inghilterra tenesse un orologio da tasca appeso al collo con una catena. Questi orologi avevano solamente la lancetta delle ore, infatti la lancetta dei minuti sarebbe stata inutile a causa della estrema imprecisione del meccanismo. (CI)

13. Per questo suo particolare effetto positivo sul morale della popolazione inglese, si dice che lo stesso Adolf Hitler l'abbia definita "la donna più pericolosa d'Europa". (CI)

Em comparação aos valores evidenciais codificados no PB e no espanhol dominicano, os usos de (10) a (13) podem ser alocados em um *cline* de abstratização com a seguinte configuração:

token de narrativa > verdade geral > reportativo>boato

Não foram detectados usos de “si dice che” como admirativo ou dubitativo. Os usos evidenciais mais abstratizados, expressos a partir de formas do verbo *dire*, compartilham com o PB a seguinte configuração, em relação:

a) à camada de organização linguística que o uso integra:

retórica > discursiva > informacional

b) à função na produção dos sentidos:

frame de mundo ficcional > marcador de genericidade > indicador de fala reportada>  
introdutor de boato ou rumor

Já com o espanhol dominicano, o italiano compartilha os seguintes aspectos categoriais, quanto:

- a) *às camadas de organização linguística que o uso integra*  
discursiva > informacional  
b) *à função na produção dos sentidos:*  
marcador de genericidade > indicador de fala reportada> introdutor de boato

Quanto aos valores semânticos mais abstratizados, o esquema a seguir representa aqueles replicadas nas três línguas em comparação:

**PB** token de narrativa > admirativo > dubitativo > verdade geral > reportativo > boato  
**ED** (...) admirativo > dubitativo > verdade geral > .....>boato  
**IT** token de narrativa > (...) > (...) > verdade geral > reportativo >boato

Os dados indiciam que a microconstrução não predicativa “*si dice che*” especializou-se na expressão dos valores evidenciais abstratos no italiano. O quadro 1, na sequência, exemplifica a preferência paradigmática por essa expressão quando a fonte do dizer é construída no mundo ficcional, quando se trata de um conhecimento de circulação e aceitação ampla e irrestrita, quando não se sabe precisar a fonte do relato de um fato histórico qualquer, e quando não se quer, não se pode ou não é interativamente relevante expressar a fonte de um conhecimento de conotação polêmica ou negativa.

As 831 páginas com os resultados da busca pelos usos de “*dice che*” replicam um padrão estrutural cuja leitura vertical revela a preferência pela microconstrução “*si dice che*” representar evidencialidade indireta e gramaticalizada no italiano padrão, e seu contexto de uso se distingue claramente dos enunciados nos quais o sujeito do dizer é identificado e/ou o próprio falante (ocorrências 3, 11, 14).

1.	ancora non ben delineata si	<i>dice che</i>	ha " perso per tempo
2.	per vincere , allora si	<i>dice che</i>	ha " perso per zeitnot
3.	alla spedizione . Una versione	<i>dice che</i>	voleva arruolar- si nell' esercito
4.	striscia di dentifricio . Si	<i>dice che</i>	sia stato inventato dai cinesi
5.	avvenuta nel 1835 . Si	<i>dice che</i>	i due abbiano avuto insieme
6.	affermare con certezza . Si	<i>dice che</i>	possedesse un serpente e che
7.	dal pubblico arabo e si	<i>dice che</i>	anche le pietre conoscano il
8.	non vi pernottò . Si	<i>dice che</i>	nella fontana fu fatto scorrere
9.	nei sistemi complessi , si	<i>dice che</i>	si ha una " "
10.	non è attestato , si	<i>dice che</i>	supervisionasse il progetto del Teatro
11.	contenuto della missiva , Titito	<i>dice che</i>	il maestro lo invita a
12.	a Matteo Civitali . Si	<i>dice che</i>	il simulacro, trovando- si
13.	proteggere . A Roma si	<i>dice che</i>	Mussolini si sia fatto proiettare
14.	occhio artificiale . Egli stesso	<i>dice che</i>	con l' occhio sinistro ,
15.	Sir Douglas Quintet , si	<i>dice che</i>	abbia fatto la più "

Quadro 1

Configuração recorrente de resultados na busca por “*dice che*”.

Apesar de os dados indicarem essa preferência, temos relatos de falantes italianos e ítalo-brasileiros de que, na fala coloquial italiana, os valores relativos à fala reportada

expressos por “si dice che” têm forma alternante “dice che”, confirmando o uso gramaticalizado, apresentado por Calaresu (2004), que descreve uma forma gramaticalizada do verbo *dire* cristalizada na terceira pessoa do singular, que pode assumir função de marcador de discurso direto e também indireto. Essa forma é morfossintaticamente invariável e tem mobilidade na cadeia sintagmática (indício de aumento de escopo, uma das propriedades da gramaticalização), conforme dado a seguir.

14. Pero d'altra parte anche que gli altri avevano  
 But PREP other side also PRON. other:PL have: IMPF.3PL  
 i loro problemi perche **dice che** ne facciamo  
 DEF.PL POSS.PL problem.PL because say:3SG INT PRON make.1PL  
 di questi/di questi parenti capito/ vengono anche  
 of these/of these relative.PL understand:PTCP come:3PL also  
 da lontano non li possiamo/ rimandare via  
 from far not PRON can:1PL send back:INF away  
 per cui // dopo varie insistenze lui infine ha  
 so that after different: FEM.PL insistence.PL he finally have: 3SG  
 deciso di accettare il rischio.  
 decide:PTCP PREP accept:INF DEF risk  
 (Calaresu, 2004, p. 40)

Ratificando a análise de Calaresu (2004), foi detectado em *corpus* não sistematizado, dado de escrita em rede social de um jovem ator romano, um uso de *dice che* de boato:

15. ma dice che questo, che se chiama B., e che alla grande s'è pijato a licenza media, ce curerà er ricoveri faund. (A. G. Tweet. 08/0/2020)

Tal constatação me permite responder afirmativamente à pergunta de pesquisa 1, na medida em que, provavelmente, devido a relações de herança, tanto de natureza histórica quanto cognitiva, o espanhol dominicano (e outras variedades) e o italiano apresentam usos evidenciais gramaticalizados a partir de construções com o verbo *dizer*, tal como ocorre com o português brasileiro.

Essas três línguas revelam uma trajetória comum de implementação do subsistema evidencial *dicendi* inclusive no nível da microconstrução, de caráter menos esquemático, o que indicia estruturas conceituais interlinguísticas comuns: seus falantes compartilham o modo de mapear, empacotar, organizar e representar o conhecimento evidencial codificado em formas derivadas do verbo *dizer*, seja em função predicativa, em codificação lexical, descritiva de fonte de conteúdo de evento de fala, seja em função não predicativa, mais ou menos gramatical ou discursiva, e mais ou menos abstrata da representação da fonte do conhecimento enunciado.

As idiosincrasias são especialmente observáveis no nível da codificação, do construto, justificado e esperado devido a pressões do sistema cultural, importante motivador da constituição do léxico (conceitual e procedural).

#### 4. Palavras finais

Os dados analisados confirmam o verbo *dizer* como fornecedor de material estrutural e conceitual para o desenvolvimento de evidenciais abstratizados no PB, no ED e no IT, e, se considerarmos os dados de Calaresu (2004), ratificados por Ramat & Topadze (2007), por De Rosa (comunicação pessoal) e por dados não sistematizados, é possível

traçar uma rede evidencial interlinguística geral que atesta um processo estrito de construcionalização comum entre o PB, o ED e o IT (figura 1, a seguir).

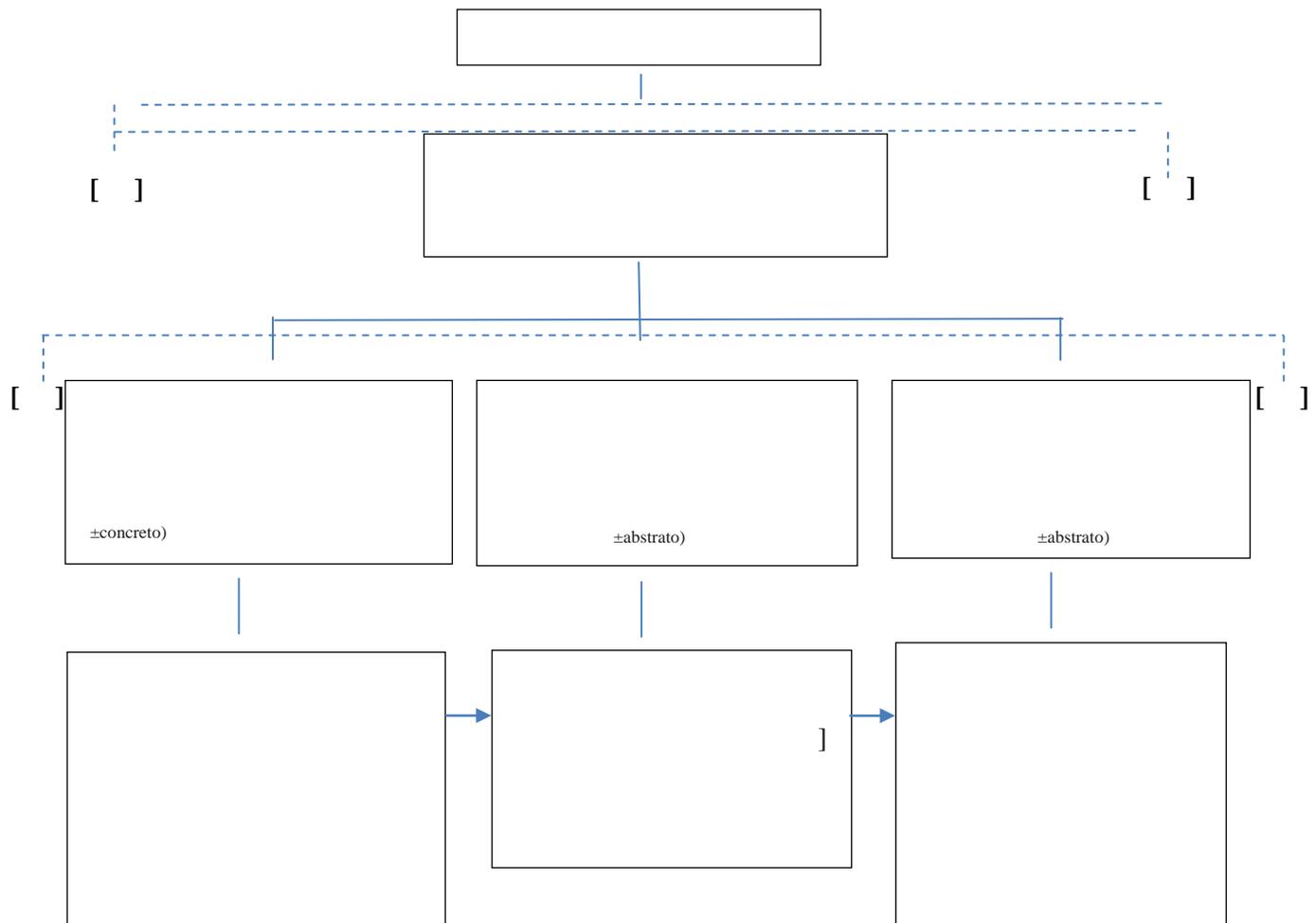


Figura 1  
Rede Evidencial Interlinguística PB, ED, IT.

A rede esboçada na figura 1 sugere que os falantes dessas línguas compartilham representações conceituais e microconstruções que geram usos gramaticalizados a partir do subesquema lexical “X dizer que X”. Tal subesquema é a fonte de um processo de abstratização que faz surgir um novo nó na rede construcional evidencial, no qual se localiza a microconstrução atômica, substantiva e procedural “dizk<sup>i</sup>” (PB), por exemplo. As diferenças idiossincráticas ocorrem no nível do construto – do uso efetivamente realizado.

A microconstrução [dizk<sup>i</sup>] apresentam constituintes totalmente entrincheirados e cristalizados, formando um *chunk*, uma sequência unitária de uso conjunto (BYBEE 2010). O [dizk<sup>i</sup>] não aceita interveniência sintagmática e o verbo *dicendi* não mais flexiona, constitui uma unidade morfossintática e uma unidade fônica, apresenta redução de material fônico, resultante de erosão por neanálise. Este processo de construcionalização também ocorreu com o *dizque* no ED. Pode-se dizer que no IT também ocorreu reanálise, apesar de não comprovado nos *corpora*, pois não tivemos

evidências empíricas para identificar um *chuncking* em “si dice che” (altamente frequente e produtivo), cuja cadeia sintagmática ainda aceita material interveniente. No entanto, confirmamos usos não predicativos de “dice che” a partir dos relatos de Calaresu (2004), de Ramat & Topadze (2007), e confirmados pela ocorrência (15).

Esses sistemas compartilham valores semânticos e apresentam elos comuns nos *clines* de mudança, mas cada sistema linguístico desenvolveu uma trajetória própria, ou seja, eles atualizam o esquema construcional evidencial *dicendi* mais abstrato idiossincraticamente: todos os construtos derivam do evidencial lexical prototípico, mas nesse nível eles têm em comum apenas usos relativos aos valores semânticos *token de narrativa, verdade geral e boato*.

Resumidamente, se pode concluir da pesquisa aqui relatada que há sistemas evidenciais abstratizados em pelo menos três línguas românicas majoritárias, oficiais, a saber, no português, no espanhol (dominicano) e no italiano. Cada um deles com sua especificidade. O PB e o ED apresentam forte implementação do processo de mudança, referendado inclusive pela escrita. O italiano ainda resiste e os dados sugerem um processo de construcionalização em implementação regional ou incipiente, resistência muito provavelmente decorrente da pressão da padronização escrita. A maior liberdade dialetal do português brasileiro e do espanhol frente ao italiano deve muito ao fato de esta língua ter sido padronizada para harmonizar a grande diversidade linguística na Itália a fim de facilitar a intercomunicação nacional e a interação civil e institucional.

**Nota biográfica:** Vânia Cristina Casseb-Galvão é Professora titular da Universidade Federal de Goiás (UFG). Pesquisadora do CNPq. *Visiting professor* na Università del Salento (2020/2021). *Visiting research* também na Università del Salento (2019/2020). Doutora em Linguística e Língua Portuguesa/UNESP. Mestre em Linguística/UNICAMP. Pós-doutorado pelo Instituto de Linguística Teórica e Computacional – ILTEC/Lisboa (2010) e pela UFPa (2017). Presidente do IV SIMELP – Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa (2013). Presidente do Grupo de Estudos da Linguagem do Centro-Oeste (GELCO), biênio (2014-2017). Coordenadora do Grupo de Pesquisa Rede de Estudos da Língua Portuguesa ao Redor do Mundo (CNPq, Capes), e do subprojeto REDE/Itália. Coordenadora do convênio de cooperação internacional UFG/Unisalento e UFG/Unichieti. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Descrição e Análise Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: evidencialidade, gramaticalização, modalidade, gramática funcional, funcionalismo e ensino; relação descrição e política linguística. Tem vários livros em organização e coautoria, inúmeros capítulos e artigos autorais.

**E-mail do autor:** [yaniacassebgalvao@gmail.com](mailto:yaniacassebgalvao@gmail.com)

## Referências Bibliográficas

- Aikhenvald A.Y. 2004, *Evidentiality*, Oxford University Press, New York.
- Bybee J.L. 2010, *Language, usage and cognition*, Cambridge University Press, Cambridge.
- Bybee J.L. 2011, *Usage-based theory and grammaticalization*, in Narrog H. e Heine B. (eds.), *The Handbook do Grammaticalization*, Oxford University Press, Oxford, pp. 69-78.
- Bybee J.L. 2015, *Language Change*, Cambridge University Press, Cambridge.
- Calaresu E. 2004, *Testuali parole: la dimensione pragmatica e testuale del discorso riportato*, FrancoAngeli, Milano.
- Casseb-Galvão V.C. 2001, *Evidencialidade e gramaticalização no português do Brasil: os usos da expressão diz que*. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.
- Casseb-Galvão V.C. 2011, *Gramática discursivo-funcional e teoria da gramaticalização: revisitando os usos de [diskʲ] no português brasileiro*, in “Filologia e Linguística Portuguesa” 13 [2], pp. 305-335.
- Casseb-Galvão V.C. 2015a, *A intersubjetividade no macro e no micronível da organização linguística*, in Barros D.L.P et al. (org), *Linguagens e saberes: estudos linguísticos*, Annablume, São Paulo, pp. 271-282.
- Casseb-Galvão V.C. 2015b, *Intersubjetividade e evidencialidade: os usos de [diskʲ] no português brasileiro e Es Ta Dze no Crioulo Cabo-verdiano*, in Osório P e Bertinetti F. *Teorias e Usos linguísticos*, Lidel, Lisboa, pp. 70-90.
- Croft W. 2001, *Radical Construction Grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective*, Oxford University Press, Oxford.
- Croft W. e Cruse D.A. 2004, *Cognitive linguistics*, Cambridge University Press, Cambridge.
- De Haan F. 2005, *Coding of Evidentiality / Semantic distinctions of Evidentiality*, in *World Atlas of Language Structures*, Mouton de Gruyter, Berlin, pp. 314-321.
- Goldberg A. 1995, *A construction grammar approach to argument structure*, University of Chicago Press, Chicago.
- Goldberg A. 2006, *Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language*, Oxford University Press, Oxford.
- Langacker R. 2008, *Cognitive Grammar. A basic introduction*, Oxford University Press, Oxford.
- Masini F. 2016, *Grammatica delle costruzioni*, Carocci, Roma.
- Rios de Oliveira M. e Rosário I.C. do. 2015, *Linguística centrada no uso*, Lamparina, Rio de Janeiro.
- Ramat A.G. e Topadze M. 2007, *The coding of evidentiality: a comparative look at Georgian and Italian*, in “Italian Journal of Linguistics”, pp. 1-33.
- Rostila J. 2006, *Construction Grammar as a Functionalist Generative Grammar*, Tertium, Cracow.
- Traugott E. e Trousdale G. 2013, *Constructionalization and constructional changes*, Oxford University Press, Oxford.